

Eurobônus, uma alternativa de captação de recursos *externos*

por George Vidor
do Rio

O vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, chama a atenção para o mercado que poderá no futuro ser uma importante fonte de captação de recursos externos do Brasil. Trata-se do mercado de títulos de dívida ou de risco. "Há cinco anos, os eurobônus representavam 20% do volume de crédito bancário e comercial em euro-dólares. No ano passado, o total de eurobônus em circulação já era equivalente ao crédito bancário", diz ele.

O Brasil até agora não se beneficiou deste mercado, em parte devido à crise cambial dos últimos anos e também por falta de experiência no setor. "A vantagem de se operar no mercado de títulos de dívida ou de risco é que se pode chegar de maneira direta aos geradores de poupança, como fundos de pensão, companhias seguradoras e gestores de portfólios. O Japão é atualmente o maior exportador de recursos para o exterior, em termos líquidos, por estes meios", acrescenta o vice-presidente do Unibanco.

FUNARO E FMI

Marques Moreira diz



Marcílio Marques Moreira

que, pelas informações que obteve, repercutiu favoravelmente junto aos banqueiros estrangeiros o encontro do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière, na semana passada. "Creio que neste momento é importante deixar claro, como colocou o ministro, que o Brasil somente assumirá compromissos que possa cumprir. Esta é a linha que deve nortear a chamada fase 3 da renegociação da dívida externa do País. Assumimos o compromisso de pagar os juros e rolar o principal da dívi-

da, de imediato, o que já é muito em comparação ao que vem sendo feito por outros países devedores."

O vice-presidente do Unibanco acha que esta nova postura já é bem aceita pelos banqueiros estrangeiros. "Eles estão cientes de que iremos fazer isso apenas enquanto pudermos, o que implica a manutenção de taxas de crescimento nos países desenvolvidos e por consequência do comércio mundial; em taxas de juros mais ou menos iguais às que estão em vigor; preços do petróleo estabilizados ou em baixa. Para pagar o principal, o mínimo que se pode desejar é um prazo de dezenas de anos de amortização e "spreads" (taxas de risco) inferiores aos atuais."

ALTERAÇÕES

Marques Moreira considera que, ao tornar explícitas as cláusulas de revisão de qualquer acordo com os bancos, o Brasil terá de incluir também neste item possíveis alterações no quadro interno: "Estamos crescendo neste ano a 7%, bem mais do que os 5% previstos. Se este ritmo for mantido, dentro de dois a três anos nossa capacidade ociosa, que é grande, estará totalmente preenchida.

Será necessário desde já então começar a investir em setores prioritários, especialmente capacitação científica e tecnológicas e nas áreas de modernização industrial".

O banqueiro acredita ser perfeitamente possível o Brasil obter um acordo com o FMI dentro das premissas anunciadas pelo ministro da Fazenda. "O importante é a mudança nos sinais de orientação. Certamente não vamos sair de um déficit operacional do setor público em torno de 1,7% do Produto Interno Bruto (PIB) para um superávit de 4 a 5% como deseja o Fundo para 1986, o que seria traumático. Vamos ficar com um superávit de 1 a 2% do PIB, o que indica esta mudança de sinal."

Marques Moreira viaja hoje para participar, nos Estados Unidos, de um seminário sobre a tendência da economia mundial até o final da década, tendo como participantes o ex-presidente Richard Nixon e David Brinkley, o mais conhecido comentarista da televisão norte-americana. No Japão, será o único representante de país em desenvolvimento a comparecer à 9ª Reunião Anual do Clube Internacional de Economistas de Banco.